

UM POUCO DE AZUL

Alexandra Soveral Dias

Vista do espaço, a Terra é azul. Visto da Terra, o céu também é azul. Azuis são mar e águas, lagos e lagoas, mas à parte isto o azul é uma cor relativamente rara na natureza e não fácil de capturar para a tina do tintureiro ou paleta do pintor.

Com efeito, qualquer aprendiz de tintureiro, praticando com a natureza obterá com facilidade a partir do mundo vegetal uma vasta gama de castanhos, amarelos, alaranjados, verdes e esverdeados. Pretos, cinzentos e violetas são também relativamente acessíveis mas em contrapartida outras cores como o azul e o vermelho-escarlata são bem mais difíceis de obter.

Não obstante, o pastel-dos-tintureiros (*Isatis tinctoria* L.), única planta europeia conhecida com capacidade para tingir de azul fibras têxteis, parece ter sido utilizada desde o Neolítico, apesar da complexidade das técnicas de preparação implicadas na sua utilização¹. Fios de linho e cânhamo tingidos de azul foram encontrados nas cavernas de Adaouste, o que parece indicar que o uso do pastel poderá ser antiquíssimo na Provença francesa². Além disso, a presença das fibras tingidas indica, ainda, que o pastel, cujo centro genético de dispersão se situa a milhares de quilómetros, nas margens do mar Negro, teve de realizar uma longa viagem, transportado por povos migrantes ou já como objecto de trocas comerciais.

Por outro lado, o aprendiz de pintor que queira fabricar as suas próprias tintas com recurso a materiais naturais também sentirá dificuldades, pois não abundam na natureza nem terras nem pedras nem rochas de cor azul.

A presença do azul na pintura não será tão antiga quanto a sua utilização na tinturaria têxtil, já que não parece haver registos relativos à presença de nenhum pigmento azul na arte rupestre mundial.

As mais antigas pinturas murais em que se encontra o azul são egípcias (ca. de 3000 a. C.) e nelas está presente aquele que se pensa

Pedidos de cópia desta publicação para Alexandra Soveral Dias, Departamento de Biologia, Universidade de Évora, Ap. 94, 7002-554 Évora, Portugal ou, de preferência, para alexandra@uevora.pt.

Reprint requests to Alexandra Soveral Dias, Departamento de Biologia, Universidade de Évora, Ap. 94, 7002-554 Évora, Portugal or preferably to alexandra@uevora.pt.